

A sequência de ocupação do Ex-Albergue Distrital (Braga, Portugal)

The occupation sequence of Ex-Albergue Distrital (Braga, Portugal)

<http://dx.doi.org/10.15304/gall.36.4243>

Raquel Martínez Peñín

Área de Historia Medieval, Universidad de León

rmarp@unileon.es

Manuela Martins

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Lab2pt

mmmartins@uaum.uminho.pt

Ana Catarina Torres

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Lab2pt

anacmst@hotmail.com

Fernanda Magalhães

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Lab2pt

fernanda.epmagalhaes@gmail.com

Resumo

Este artigo visa a analisar a sequência de ocupação registada nas escavações realizadas na área arqueológica do Ex-Albergue Distrital, em Braga. Os trabalhos de arqueologia preventiva aí realizados permitiram identificar vestígios integrados num quarteirão da cidade romana, pertencentes a uma *domus*, construída na época flávia, que se dispunha a nascente do cardo máximo. Foi igualmente possível identificar as reformas operadas na *domus* nos finais do século III/inícios do IV, a progressiva alteração dos espaços da habitação na Antiguidade Tardia, bem como os sucessivos saques dos muros do edifício realizados na Alta e Baixa Idade Média associados à construção das cercas medievais erguidas nas imediações da área intervencionada.

Palavras chave: Braga; evolução urbana; arquitetura romana; ocupação medieval.

Abstract

This paper aims to analyze the occupation sequence recorded in the excavations carried out in the archaeological area of the Ex-Albergue Distrital in Braga. The rescue archaeological works allowed to identify remains integrated in a block of the Roman city, belonging to a *domus* built in the Flavian period, settled at the eastern side of the *cardo maximus*. It was also possible to identify the renovation of the house in the late third/early fourth century, its progressive change in Late Antiquity, as well as the successive plunder of the walls in the Early and Late Middle Ages associated with the construction of the medieval walls erected in the immediate vicinity of the excavated area.

Keywords: Braga; urban evolution; Roman architecture; medieval occupation sequence.

■ Data de envió: 28-07-2017

■ Data de aceptación: 26-02-2018

INTRODUÇÃO

O presente artigo dá a conhecer os resultados obtidos nas escavações realizadas em Braga, na área arqueológica do Ex-Albergue Distrital, nas décadas de 80 e 90 do século XX, da responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, inseridas no âmbito do “Projeto de *Bracara Augusta*”. A zona arqueológica cobria uma área de 700 m², sendo circundada por um muro limítrofe, paralelo à rua Frei Caetano Brandão, estando limitada a sul pela rua de São Paulo e confrontando a nascente com as traseiras do edifício do antigo Albergue Distrital, que deu o nome à referida zona arqueológica, o qual foi conhecido até ao século XX por Casa Grande de Santo António das Travessas. A norte o terreno encontrava-se limitado por um imóvel, com fachada para a rua Frei Caetano Brandão.

Os trabalhos arqueológicos foram realizados no âmbito de ações preventivas de minimização de impactes, decorrentes da proximidade do local relativamente ao *forum* da cidade romana, tendo tido diferentes objetivos. Assim, em 1982, os terrenos anexos ao edifício do Albergue Distrital foram sondados para verificar a possibilidade de aí instalar o Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, projeto que viria a ser abandonado devido à existência de ruínas. Uma década depois foi pensada uma outra utilização para o mesmo espaço, facto que implicou a realização de novos trabalhos arqueológicos, realizados em 1992, visando a instalação no local da atual Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, inaugurada em 2004. Nesta segunda campanha verificou-se que o solo do logradouro tinha sido profundamente remexido ao longo dos tempos, tendo então sido descoberta uma cloaca romana, que viria a ser conservada *in situ* (LEMOS & LEITE 2000: 17). A terceira campanha de escavações decorreu ao longo de 1995, tendo-se então verificado que no canto sudoeste do logradouro se encontravam conservados vários embasamentos de silhares que correspondiam à estrutura do pórtico de uma *domus*. Os trabalhos prosseguiram entre 1996 e 1997, visando a escavação integral de todo o terreno, tendo sido dados por concluídos com a desmontagem do muro que cercava o logradouro, construído no século XIX, na sequência da abertura da rua Frei Caetano Brandão (LEMOS & LEITE 2000: 18).

Os trabalhos realizados nesta área arqueológica tiveram uma história complexa, cheia de percalços, indecisões e mudanças de estratégia, constituindo uma das mais extensas intervenções da UAUM realizadas em terrenos onde os vestígios da cidade romana foram sobrepostos pela cidade medieval, moderna e contemporânea (MARTINS & RIBEIRO 2013: 11-44). A área intervencionada corresponde à totalidade de um logradouro, formalizado com a construção da Casa Grande de Santo António das Travessas, já ocupada nos finais do século XIV. Esse logradouro manteve-se praticamente inalterado na sua morfologia até à primeira metade do século XIX quando a abertura da rua Frei Caetano Brandão arrasou a traça da medieval rua Verde, que havia fossilizado a parte norte do cardo máximo da cidade romana. A rua surge posteriormente designada por rua do Couto do Arvoredo, estando representada no Mapa das Ruas de Braga, datado de 1750, que assinala o logradouro com o seu muro de suporte.

Assim, a iconografia da cidade testemunha que a área arqueológica intervencionada nunca foi urbanizada, posteriormente à Antiguidade Tardia, tendo-se mantido, até

à época contemporânea, como espaço agrícola anexo a uma rua periférica das cidades medieval e moderna. Estas características do espaço puderam ser igualmente testemunhadas pelas escavações arqueológicas que viriam a permitir identificar vestígios da medieval rua Verde, posteriormente designada por rua do Couto do Arvoreda, mais estreita que a original rua romana que lhe deu origem, bem como elementos dispersos e pontuais de épocas medieval e moderna que documentam o carácter eminentemente rural do logradouro (LEMOS & LEITE 2000: 15-38; MARTINS & RIBEIRO 2013: 11-44).

O conjunto de ruínas detetado nesta zona arqueológica encontrava-se mal conservado devido a continuados saques das estruturas, ocorridos em diferentes momentos. Entre as estruturas detetadas, destacamos, pela sua importância urbanística, os vestígios de uma rua romana, correspondente ao segmento norte do cardo máximo, sob o qual corria uma grande cloaca. A referida rua persistiu como eixo viário periférico da cidade Braga até ao século XIX, conforme se pode inferir das fontes iconográficas e da própria cartografia oitocentista. Outras estruturas relevantes correspondem a dois conjuntos de embasamentos de silhares dos pórticos que ladeavam a rua romana, articulados com as *domus* que ocupavam os quarteirões limítrofes do cardo máximo nos lados nascente e poente. Foram igualmente referenciados diversos alicerces de muros de uma habitação, erguida na época flávia, que ocupava o quarteirão romano situado a nascente da referida via. Por outro lado, foi possível observar as sucessivas mutações dos espaços construídos da casa durante a Antiguidade Tardia, bem como as alterações urbanísticas que se associam ao abandono da construção, a partir do século VII e ao progressivo estreitamento do eixo viário situado a poente. Assim, reconheceram-se reformas da *domus* nos finais do século III/inícios do século IV, bem como os processos de progressiva fragmentação dos anteriores espaços da casa, ocorridos entre os séculos V/VII, que denunciam uma nova forma de ocupar os quarteirões da cidade, apesar da conservação da sua forma quadrada, herdada da época fundacional.

Os resultados das escavações arqueológicas realizadas nesta área arqueológica foram de inegável alcance para a compreensão do urbanismo e da arquitetura doméstica, entre o século I e a Alta Idade Média, tendo permitido compreender os processos evolutivos da morfologia urbana da cidade romana. Simultaneamente, esses resultados permitiram sistematizar as produções cerâmicas correspondentes a diferentes momentos de ocupação da cidade, com destaque para os fabricos tardo antigos e medievais de Braga, que têm vindo a ser objeto de estudo aprofundado por parte de uma das autoras (MARTÍNEZ PEÑÍN *et al.* 2014: 495-506; MARTÍNEZ PEÑÍN *et al.* 2016: 53-67; MARTÍNEZ PEÑÍN *et al.* 2014: 35-57).

O presente artigo dá conta dos resultados obtidos nas sucessivas intervenções arqueológicas realizadas nas cinco campanhas de escavação realizadas nesta zona arqueológica e que testemunham uma longa sequência de ocupação, balizada entre os inícios do século I da nossa era e a atualidade. Nele serão referidas as estruturas, a estratigrafia e o espólio exumados, bem como a interpretação da sequência de ocupação que contribuiu para uma compreensão da estrutura urbana da cidade romana de *Bracara Augusta* e da evolução do tecido urbano de Braga entre as épocas medieval e contemporânea (MARTINS & RIBEIRO 2013: 11-44).



Figura 1. Localização de *Bracara Augusta*.

A SEQUÊNCIA DE OCUPAÇÃO

Para uma melhor interpretação das fases de ocupação romana da área intervencionada procurámos situar os vestígios dos edifícios identificados nesta zona arqueológica na planimetria da cidade de *Bracara Augusta*, produzida pela UAUM (Figura 2), a qual tem vindo a ser sucessivamente consolidada a partir do cruzamento dos dados arqueológicos propiciados pelas largas dezenas de escavações realizadas em Braga nos últimos 40 anos (MARTINS & DELGADO 1989/90: 11-39; MARTINS *et al.* 1994: 303-319; MARTINS *et al.* 2012: 29-68; MARTINS *et al.* no prelo).

Do mesmo modo, a compreensão de algumas das estruturas exumadas, bem como da organização funcional das construções, resulta do conhecimento adquirido com o estudo dos quarteirões limítrofes ou de edifícios similares. Destacamos, em particular, os dados que se reportam às *domus* de *Bracara Augusta* que foram individualizadas até ao momento (MARTINS 1997/98: 23-46; MAGALHÃES 2010; MARTINS *et al.* 2012: 29-68; MARTINS *et al.* 2014: 111-127; MARTINS *et al.* no prelo; SILVA 2014; TORRES 2014). Cabe igualmente destacar alguns estudos que foram realizados no âmbito de teses de doutoramento e mestrado de Arqueologia da Universidade do Minho, que permitiram analisar algumas estruturas exumadas na escavação, como é o caso dos elementos arquitetónicos (RIBEIRO 2008) e dos equipamentos hidráulicos (TEIXEIRA 2012).

Os dados fornecidos pela escavação foram igualmente cruzados com a sequência de ocupação registada em intervenções realizadas em espaços contíguos, designadamente os correspondentes às áreas arqueológicas da rua Afonso Henriques (MARTINS *et al.* 2014: 111-127) e FCB/SAT (LEITE *et al.* 2013), que correspondem, respetivamente, aos terrenos situados a nascente e a norte da zona intervencionada.

Nesta zona arqueológica foram identificados cinco grandes momentos de ocupação, correspondentes, respetivamente, à época romana, à Antiguidade Tardia, ao período medieval e às épocas moderna e contemporânea.

Os vestígios atribuíveis à época romana podem ser integrados em três períodos, distintos. O primeiro (Fase I), situa-se entre a época de Augusto/Tibério e a época flávia, o segundo (Fase II) decorre entre finais do século I e os finais do século III/inícios do IV e o terceiro (Fase III) pode ser genericamente atribuído ao século IV. O segundo momento de ocupação corresponde à Antiguidade Tardia (Fase IV), seguindo-se uma ocupação que pode ser atribuída genericamente à Alta Idade Média (Fase V), associada ao abandono do espaço do quarteirão romano e a grandes saques das estruturas. O momento seguinte corresponde aos finais da Idade Média (séculos XIV-XV) (Fase VI), ao qual se segue a Fase VII, que corresponde ao uso do espaço na época moderna e a Fase VIII, já datada da Idade Contemporânea, associada à abertura da rua Frei Caetano Brandão e à reconfiguração do logradouro, no século XIX (TORRES 2014).



Figura 2. ① Localização da zona arqueológica. ② Planta geral das estruturas encontradas.

FASE I. ESTRUTURAS PRÉ FLÁVIAS

Esta primeira fase de ocupação pode ser datada entre o período de Augusto/Tibério e a época flávia e a ela podem ser atribuídas as estruturas mais antigas que foram identificadas, datadas pelos enchimentos das valas de fundação e pelos nivelamentos sobre a

rocha. Falamos de valas e sapatas associadas à implantação de alguns silhares, que delimitavam o cardo máximo, os quais foram posteriormente usados como embasamentos das colunatas dos pórticos que acompanhavam aquele eixo viário, construídos na fase seguinte, quando foram urbanizados os quarteirões limítrofes da rua.

Nesta fase assinala-se igualmente a construção de uma grande cloaca (UE0563), que corria sob o cardo máximo, datada da primeira metade do século I, através dos materiais identificados sob as lajes do lastro, quando se procedeu ao desmonte de uma parte da estrutura. O espólio cerâmico encontrado fornece-nos uma cronologia júlio-claudiana para a estrutura, tendo por base os fragmentos de paredes finas de produção itálica, de forma híbrida Mayet XXXIII/XXXV, originários da área centro ocidental do Vale do Pó, datáveis entre finais do século I a.C. e o reinado de Cláudio e os fragmentos de *sigillata*, nomeadamente de tipo itálico (Consp. 22.1, datáveis de 15 a.C. a 14 d.C.) e gálico (forma Drag. 15/17, de La Graufesenque, datados dos reinados de Tibério a Nero) (MAGALHÃES 2010: 70).

O conjunto de estruturas que podemos atribuir a esta primeira fase de ocupação permite elaborar algumas considerações relativas aquela que foi a primeira grande etapa de construção do espaço urbano de *Bracara Augusta*. Na verdade, não podemos esquecer que a zona arqueológica estudada se situa num local privilegiado da cidade romana, situado no canto nordeste do *forum*. Assim, cabe desde logo destacar a identificação dos limites de um dos eixos principais e estruturantes da cidade, correspondente à parte norte do cardo máximo, que se encontra delimitado pelos alinhamentos dos pórticos de duas *insulae*, situadas, respetivamente, a nascente e poente do eixo viário. Trata-se de uma via principal, não sendo estranho, por isso, que possua uma largura de 7.24 m, correspondente a 24 pés, ou seja, o dobro das vias secundárias conhecidas noutros setores da cidade, designadamente na zona arqueológica das Carvalheiras (MARTINS 1997/98: 23-46; MARTINS *et al.* 2012: 29-68).

Datam seguramente de um momento próximo da fundação da cidade alguns dos silhares referenciados nesta área arqueológica, que delimitavam os quarteirões adjacentes ao cardo máximo. A ausência de materiais nos enchimentos das suas valas de fundação permite inferir que possam corresponder a estruturas de marcação física dos limites da rua, tendo sido posteriormente reaproveitadas para formalizar os pórticos. A sugestão de que estamos perante uma forma de materializar no terreno os limites do cardo máximo resulta do facto dessas estruturas precederem em algumas décadas a construção das *domus* que se instalaram nos quarteirões limítrofes da rua na época flávia.

Importa igualmente referir a importância urbanística da construção da grande cloaca que corria sob o cardo máximo, claramente associada à estruturação do espaço físico da cidade, pois corresponde à implantação de uma infraestrutura fundamental à drenagem das águas sujas e pluviais. A sua datação entre os reinados de Cláudio e Nero, tendo em conta a cronologia dos materiais mais tardios presentes na sua vala de fundação (MORAIS 2005: 78), valida os dados disponíveis relativamente à construção das primeiras *domus* de *Bracara Augusta*, construídas a partir de finais do período júlio-cláudio, cuja implantação pressupunha a existência de um sistema organizado de drenagem de águas.

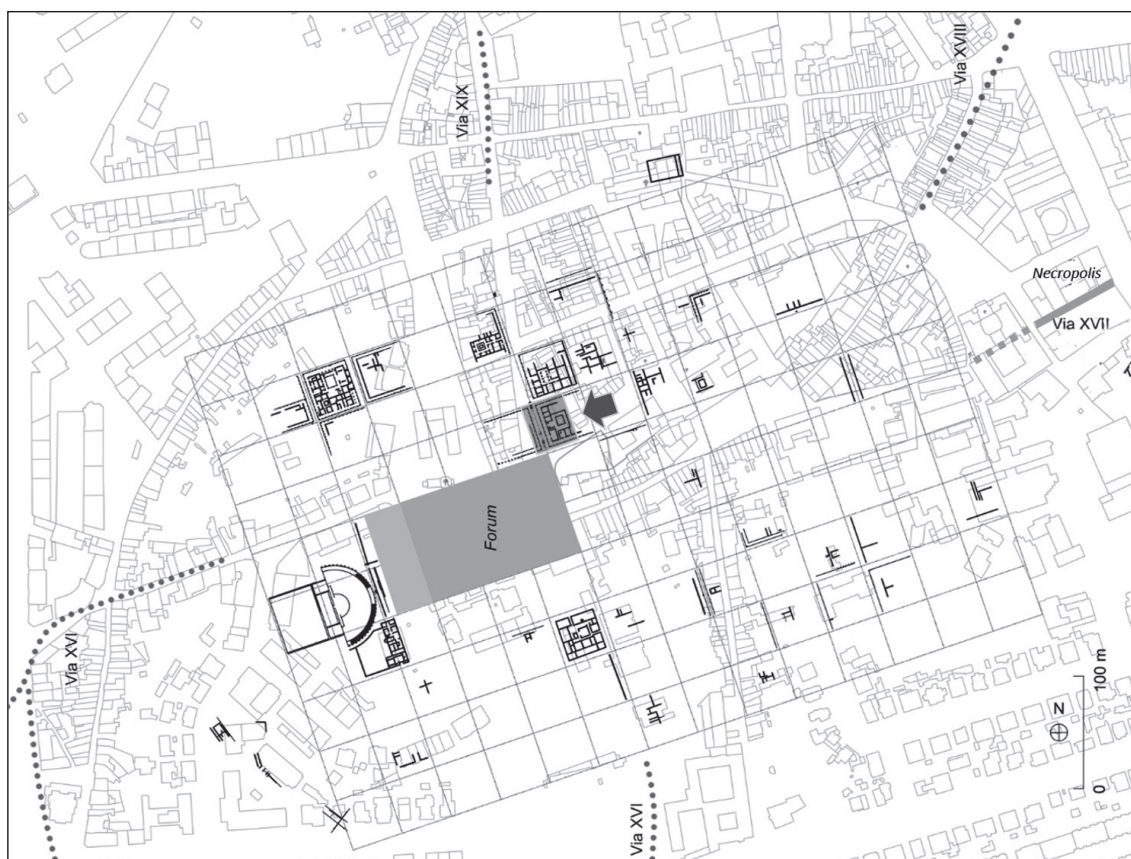


Figura 3. Localização da área escavada na planimetria da cidade romana.

O conjunto do espólio associado a esta primeira fase de ocupação do quarteirão permite-nos concluir da existência de uma ocupação durante a 1ª metade do século I, que se poderá associar à instalação no local de equipamentos artesanais, cujas características construtivas desconhecemos. O aparecimento de fragmentos de moldes bivalves para produção de placas de bronze com decoração geométrica (MORAIS 2005, Est. XXX-XIII), procedentes de níveis que correspondem à fundação da cloaca, sugere a instalação nos quarteirões limítrofes da rua de estabelecimentos para produção de sítulas de bronze, cuja decoração regista uma clara tradição indígena, característica da região do NO Peninsular (MARTINS 1988: 25). A existência de pelo menos uma oficina no local referido, anteriormente a Cláudio e, mais seguramente, à época flávia, altura em que o quarteirão foi ocupado por uma *domus* de peristilo (Fase II), remete-nos, assim, para o carácter precário dos primeiros equipamentos artesanais, bem como das possíveis residências dos respetivos artesãos. Assim, admitimos que a primitiva ocupação do quarteirão estará representada por uma potencial oficina, estabelecimento que posteriormente terá sido arrasado para a construção da *domus*, datada da época flávia (MARTINS *et al.* 2012: 44).

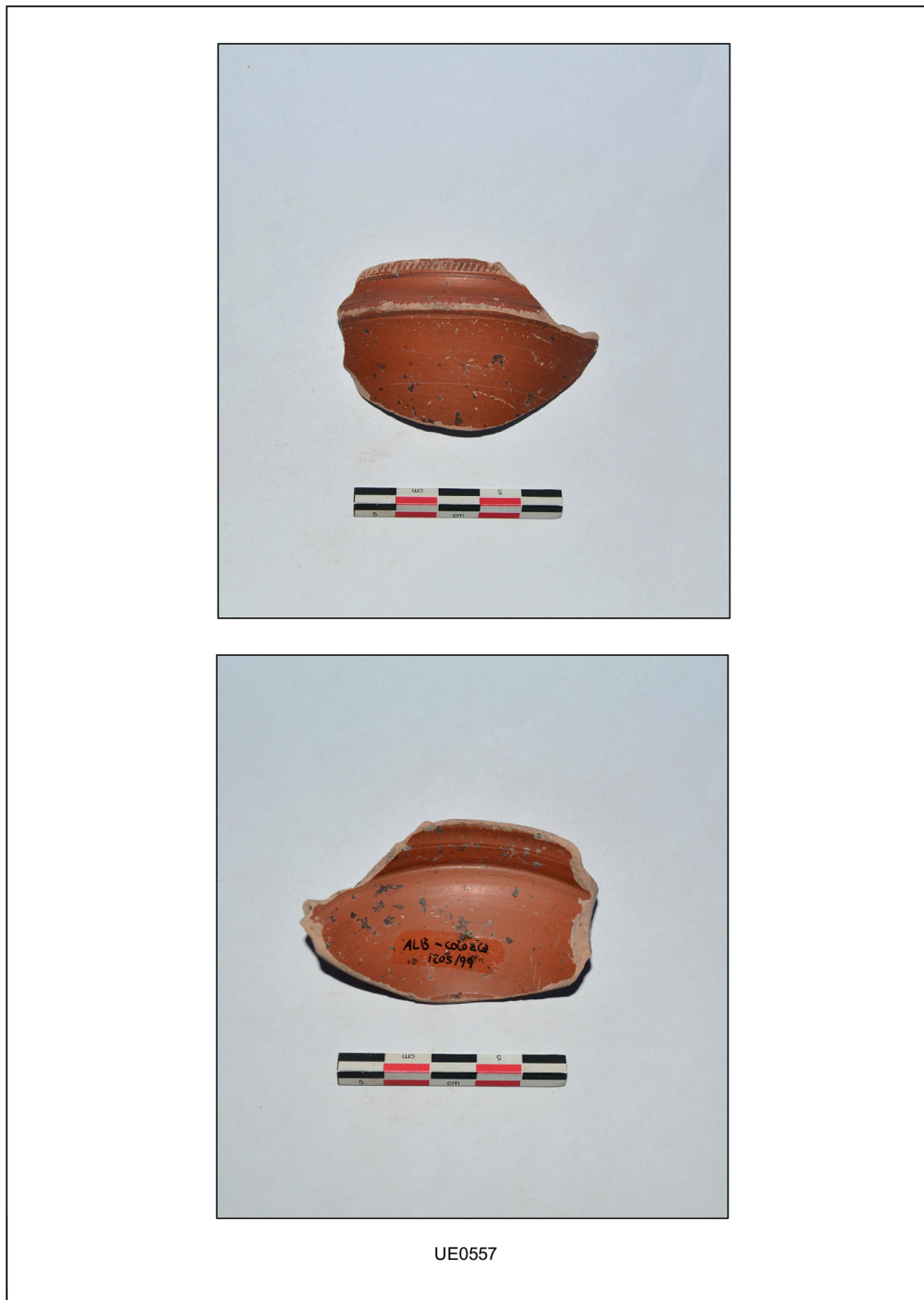


Figura 4. Materiais cerâmicos da Fase I.

FASE II. CONSTRUÇÃO E OCUPAÇÃO DA *DOMUS* (FINAIS DO SÉCULO I/FINAIS DO SÉCULO III/INÍCIOS DO IV)

Tendo por base os materiais presentes nalgumas valas de fundação de muros, de silhares dos pórticos e de enchimentos sobre a rocha, podemos considerar que o quarteirão onde se integra a grande maioria das estruturas exumadas nesta intervenção arqueológica foi

urbanizado no último quartel do século I. Salientamos a analogia desta situação com a observada nos quarteirões situados a nascente, igualmente urbanizados num momento posterior aos meados do século I, após uma fase em que terão sido ocupados por construções, cujas características desconhecemos, mas que justificam os materiais que foram amortizados nas valas de fundação das estruturas pétreas (MARTINS *et al.* 2014: 111-127).

A esta fase podemos associar várias das estruturas identificadas na escavação, bem como as evidências de outras, perceptíveis através de alguns recortes na arena de alteração granítica. Aos inícios desta fase podem igualmente ser atribuídas algumas fossas para extração de saibro, provavelmente usado nas argamassas para a construção dos muros da habitação. A título de exemplo referimos o enchimento de fossa identificada com a UE0476, datado da segunda metade do século I, devido à identificação de ânforas Dressel 14 e Dressel 20.

Associado a este período construtivo está também o enchimento que recobre a cloaca (UE0561), o qual forneceu asas de ânfora Dressel 2/4, com uma cronologia de finais do século I. Relacionado com a cloaca temos também o enchimento de uma vala de reparação da estrutura, identificada com a UE1011, a qual forneceu fragmentos de *sigillata* hispânica Drag.15/17 que datam do último quartel do século I.

O primeiro projeto da *domus* remonta à época flávia, cronologia corroborada também pelos materiais contidos nas valas de fundação dos três muros perimetrais do edifício, os quais permitem restituir os presumíveis limites da casa, bem como as áreas porticadas adjacentes. Está igualmente documentada a existência de lojas abertas aos pórticos, distribuídas ao longo das fachadas poente e sul da *domus*. A esta fase podemos ainda reportar a grande maioria dos embasamentos de silhares, que suportavam as colunatas dos pórticos, dispostos a poente e nascente do cardo máximo, assinalando os limites de dois quarteirões. No caso do quarteirão poente foi possível individualizar o canto da habitação que terá ocupado aquele espaço (UE0539), sendo possível datar desta fase um conjunto de cinco silhares que formalizam o pórtico nascente (UEs 0545, 0571, 0574, 0836 e 0837). Também a *domus* que se dispunha a nascente do cardo máximo era rodeada de pórticos, definidos por vários silhares implantados em valas de fundação que forneceram materiais datáveis da primeira metade do século I, designadamente fragmentos de ânfora Haltern 70, de cerâmica de tradição indígena e de cerâmicas comuns de produção romana. O muro perimetral sul foi identificado com as UEs 0605 e 0737, enquanto o muro da fachada poente se deixa adivinhar por algumas sapatas para o seu assentamento, tendo sido profundamente saqueado, tal como ocorreu com o muro perimetral norte, do qual apenas se conhecem restos das fundações.

Vários muros assinalam a compartimentação dos espaços associados às fachadas da *domus* (UEs 0622, 0635, 0637, 0657, 0714, 0715, 0798), muitos dos quais formalizavam espaços comerciais que abriam aos pórticos sul e nascente.

Com base nos muros e sapatas atribuíveis a esta fase e nas respetivas projeções, podemos considerar que estamos perante mais uma *domus* de peristilo (Figura 5). A área ocupada pelo peristilo pode ser restituída a partir de um pilar que suportava a colunata e por embasamentos de muros que definiriam este espaço (UE0802), sendo igualmente possível considerar, a partir da identificação de estruturas hidráulicas (UE0759), que o

peristilo seria ornamentado com um tanque central (MAGALHÃES 2010: 72). O peristilo situava-se no alinhamento do que julgamos ser a entrada principal da habitação, rasgada na fachada poente, monumentalizada com um pequeno pórtico de duas colunas (área 1). Relacionado com esta entrada existia um pequeno *vestibulum*, com cerca de 9.80 m² (área 2), que dava acesso ao interior da habitação e que se encontraria centrado com o peristilo. A sul da entrada principal desenhava-se um estreito corredor, que pode definir uma entrada secundária, ou um vão de escadas que asseguraria a ligação a um eventual piso superior, a partir da rua (MAGALHÃES 2010: 72).

Possuímos uma reduzida informação relativa aos espaços interiores da *domus*. No entanto, podemos admitir que a sul do *vestibulum* poderia situar-se o *tablinum* (área 4) devido à sua localização próxima da entrada da casa. Por sua vez, julgamos admissível poder situar o *triclinium* a nascente do peristilo (área 5), localização que parece recorrente noutras *domus* de Braga, designadamente nas Carvalheiras (MARTINS 2010). Contudo, desconhecemos quais as características deste importante espaço de representação das casas de elite, que Vitruvius recomendava dever estar virado a poente. Os restantes espaços conhecidos situam-se a sul do peristilo e estão representados pelas áreas 6 e 7, que estavam interligados por uma porta, mas cuja funcionalidade desconhecemos.

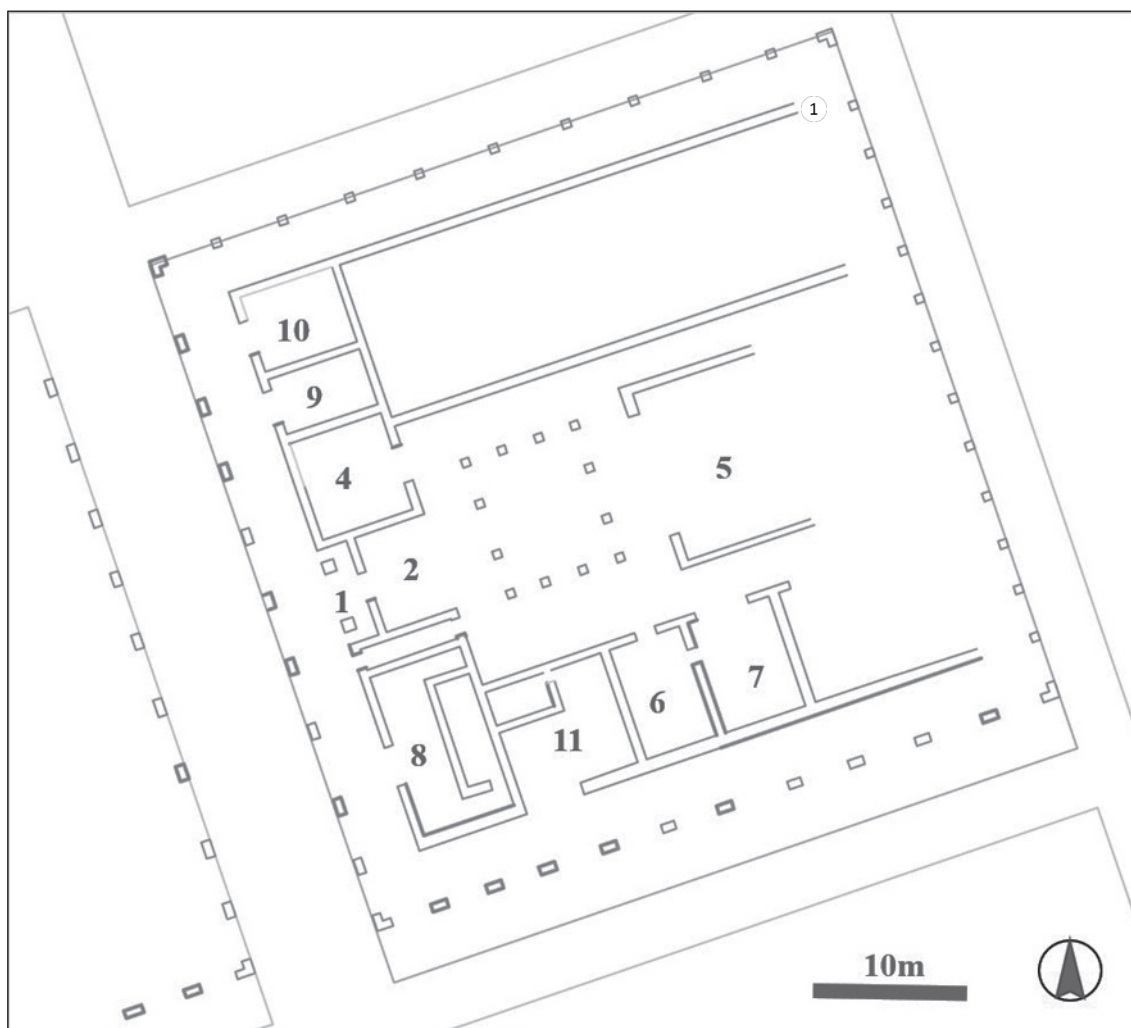


Figura 5. Planta interpretada da Fase I da *domus* do Ex Albergue Distrital (©UAUM).



Figura 6. Peças cerâmicas da Fase I da *domus*.

Melhor conhecidos são os espaços que formalizavam as lojas dispostas ao longo das fachadas da casa, particularmente a poente e sul. Assim, na fachada poente possuíamos três lojas (áreas 8, 9 e 10), sendo de destacar que no compartimento 8 foram identificadas várias estruturas que parecem formalizar um balcão, com destaque para as referenciadas pelas UEs 0601 e 0606, com orientação S/N e para as UEs 0608 e 0604, com orientação O/E, que delimitariam a estrutura. A descoberta de um fragmento de uma placa de mármore, que poderia corresponder ao revestimento do balcão, sugere que podemos estar em presença de um *thermopolium* (MAGALHÃES 2010: 73). Também na fachada sul foi reconhecida uma outra loja (área 11), que possuía um pequeno balcão no setor noroeste, composto pelas UEs 0712 e 0715. O nível de circulação desta loja está definido por um enchimento de nivelamento (UE0793), o qual deverá ter funcionado como preparação para assentamento do pavimento, podendo ser datado posteriormente à 2^a metade do século I pela presença de fragmentos de cerâmica cinzenta fina polida e de *sigillata* hispânica. Um outro nível de preparação do piso da loja foi identificado com a UE0733, dele procedendo fragmentos de paredes das formas Drag. 15/17 e Drag. 27, de *sigillata* hispânica, datáveis do último quartel do século I.

FASE III. A *DOMUS* DO SÉCULO IV

Tendo por base os dados fornecidos pela escavação podemos afirmar que a *domus* situada a nascente do cardo máximo sofreu uma reforma, entre os finais do século III e inícios do século IV, sendo, por isso, possível situar esta fase como correspondendo ao século IV. A remodelação terá afetado a funcionalidade de alguns dos anteriores espaços, muito embora a casa se tenha mantido estruturada em torno do peristilo (área 3), que continuou a ser o grande elemento ordenador e distribuidor dos diferentes compartimentos no interior da habitação. Cabe igualmente destacar que a principal entrada na casa se manteve, conservando-se igualmente a sua axialidade relativamente ao presumível *triclínium* que presumimos situado a nascente do peristilo (área 5), mas cujas características são desconhecidas.

Os muros que podemos individualizar como correspondentes a este período foram datados com base nos materiais procedentes dos enchimentos das suas valas de fundação, e de nivelamentos de preparação de pavimentos, cabendo destacar uma ânfora inteira do tipo Beltrán 72, variante B, datável entre o século III e os meados do século IV, ou os fragmentos pertencentes a peças em vidro, como o jarro de bocal afunilado, datado entre finais do século III e o século IV e ainda a taça arqueada funda, com decoração por gravação, com uma cronologia entre as décadas de 40 a 80 do século IV.

Os vestígios arqueológicos reportáveis a esta fase documentam, contudo, que a casa sofreu um aumento de área construída, tendo a fachada norte sido refeita e avançado ligeiramente sobre o pórtico, passando a estar definida pela linha dos silhares correspondentes à UE0958 e pelo muro referenciado com a UE0963. O aumento da área útil da habitação pode igualmente ser inferido pelos muros que documentam a segura anexação do espaço correspondente ao pórtico norte e a parte do pórtico poente. Assim, no pórtico

oeste foi-nos possível identificar o muro referenciado pela UE0902, enquanto o muro correspondente à UE1046 segmentou a parte noroeste do pórtico norte, dando origem a pelo menos dois novos compartimentos. Este processo de avanço da construção sobre os pórticos deu origem a novos espaços, presumivelmente para instalar lojas, enquanto as anteriores áreas comerciais passaram a ser espaços privados da casa, como acontece com as anteriores áreas 9 e 10. O mesmo processo não parece registar-se no pórtico sul, ainda que a área escavada neste setor tenha sido consideravelmente menor, não permitindo grandes ilações sobre a evolução arquitetónica do edifício.

Uma outra mudança visível nesta fase corresponde à diminuição da área reservada ao peristilo, perceptível com a implantação de um muro (UEs 0635 e 0752), que permitiu aumentar ligeiramente a dimensão dos compartimentos anexos à fachada sul do edifício.

Tanto quanto podemos perceber a entrada principal da casa continuou a ser feita pela fachada poente, muito embora se possa admitir a criação de uma nova entrada na fachada sul, com a construção do muro referenciado com a UE0715, o qual pode igualmente corresponder à definição de um vão de escadas de acesso a um piso superior.



Figura 7. Planta interpretada da Fase II da *domus* do ex-Albergue Distrital (©UAUM).

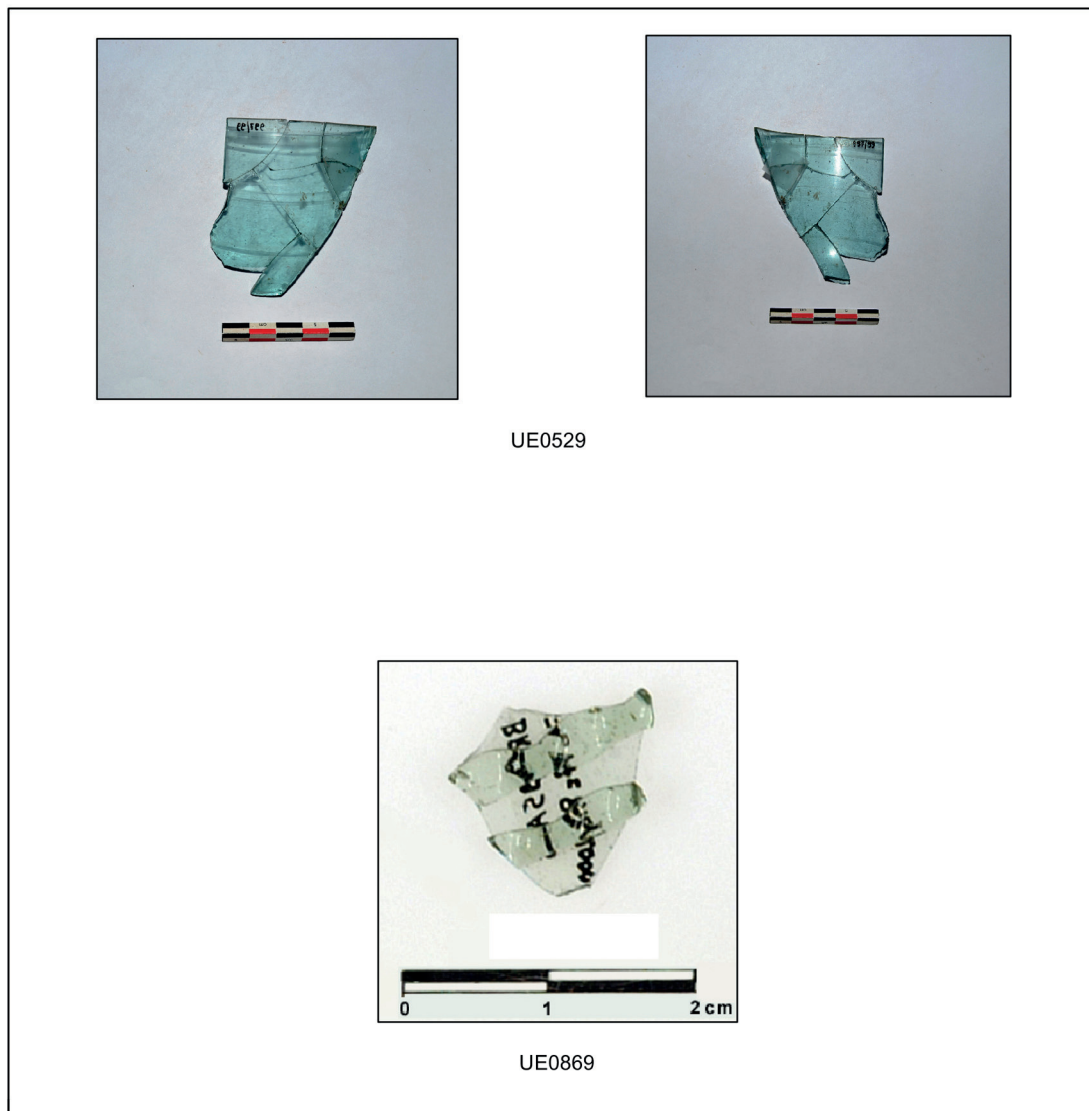


Figura 8. Vidros da Fase III.

FASE IV. A DESARTICULAÇÃO DA *DOMUS* (SÉCULOS V-VII)

A esta fase podemos associar algumas remodelações importantes da estrutura da *domus* do século IV que, de acordo com os materiais associados com a construção de alguns novos muros e a saques de algumas estruturas, julgamos poder situar entre os séculos V/VII. Durante este período algumas das áreas correspondentes à anterior habitação continuaram a ser ocupadas, enquanto outras foram fragmentadas, dando origem a novos compartimentos, verificando-se a emergência de uma nova lógica de utilização do espaço, bem diferente daquela que caracterizava o uso da *domus* como casa unifamiliar. Genericamente podemos considerar que os diferentes compartimentos da *domus* deixaram de ser usados com as suas tradicionais funções, sendo muitos deles seccionados, verificando-se igualmente um processo de desarticulação da lógica de distribuição do espaço, através da construção de novos muros e a da inutilização e arrasamento de outros, facto que permitiu formalizar novos compartimentos.

Os novos muros revelam uma má qualidade construtiva, assentando na maior parte dos casos diretamente sobre pavimentos anteriores. Alguns dos muros erguidos neste período são bastante largos e reutilizam pedra simplesmente partida, ainda que a reutilização de materiais resultantes do desmonte de muros anteriores esteja igualmente documentada, facto que justifica a ocorrência das primeiras valas de saques referenciadas na escavação. Muros e canalizações foram sendo progressivamente desmontados para reaproveitamento de pedra e material laterício, o mesmo se verificando com os elementos arquitetónicos, reutilizados com funções diferentes daquelas para que foram produzidos.

Tendo por base os materiais associados é possível considerar que alguns dos novos muros revelam cronologias entre o século V e inícios do VI, como acontece com aqueles que encerram o peristilo, transformando-o num pátio interior, em torno o qual se organizariam várias unidades habitacionais independentes. Assim, muito provavelmente nos finais do século V já a utilização do espaço da *domus* seria outra, certamente mais segmentada e geradora de novos acessos e eixos de circulação, ainda difíceis de precisar. Igualmente complexa é a interpretação da possível funcionalidade dos novos espaços que emergem nesta fase, em articulação com aqueles que foram conservados, bastante comprometida pelo facto de não dispormos de mais dados relativos ao setor nascente do quarteirão.

Aparentemente os espaços interiores da *domus* do século IV foram sendo subdivididos em vários espaços habitacionais, à semelhança do que vem sendo reconhecido noutras cidades da Hispânia, designadamente em Mérida (MATEOS CRUZ & ALBA CALZADO 2001: 143-168), onde as *domus* deram lugar a várias unidades habitacionais.

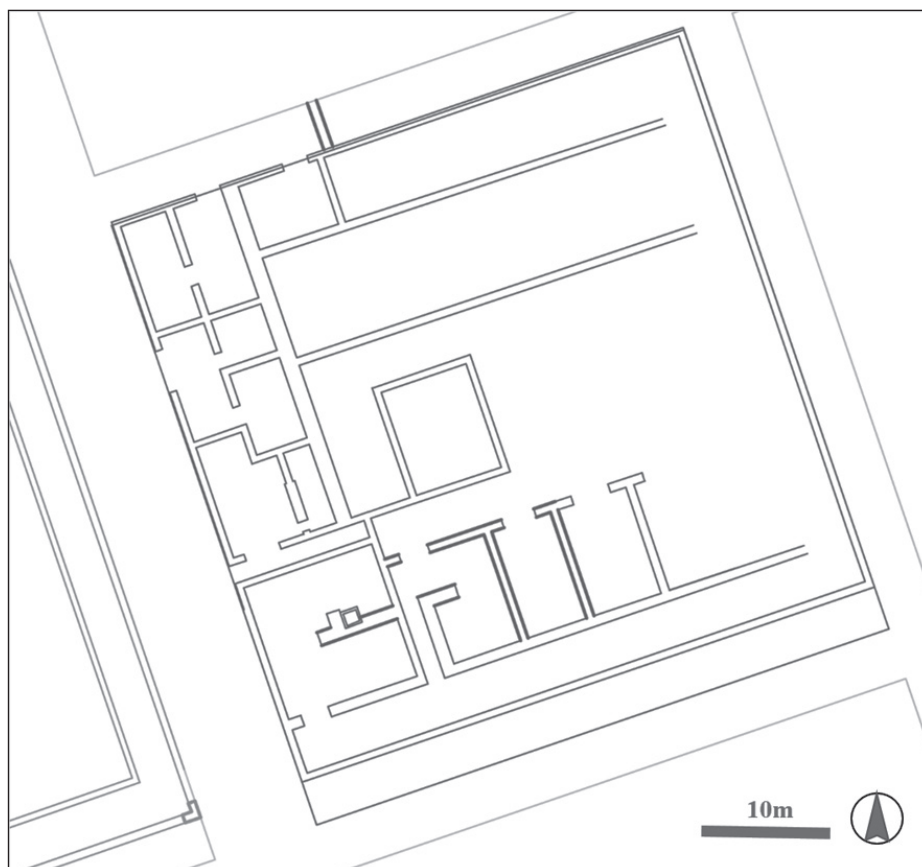


Figura 9. Planta interpretada dos espaços ocupados na Fase IV (©UAUM).

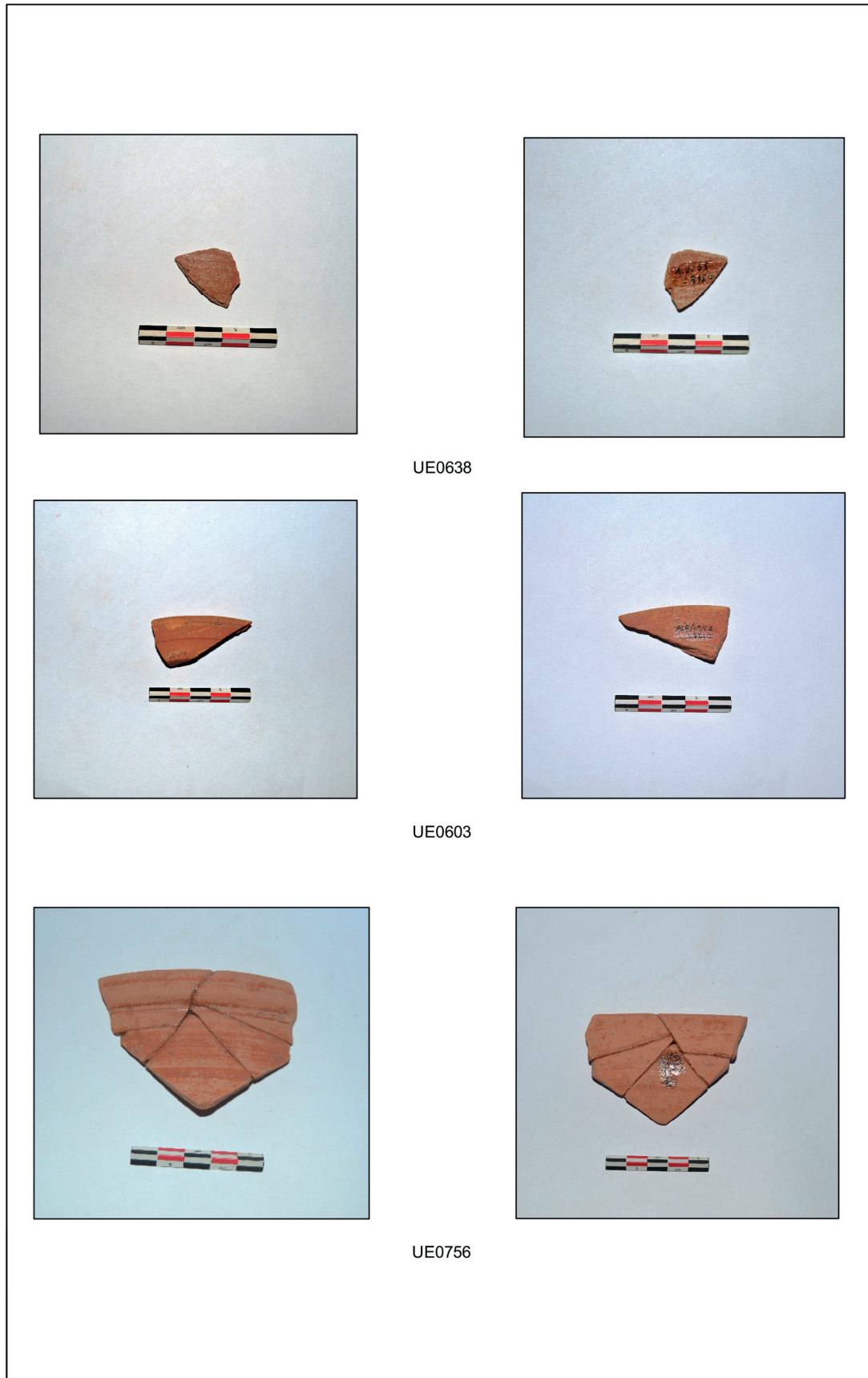


Figura 10. Peças cerâmicas da Fase IV.

FASE V. O ABANDONO DO QUARTEIRÃO E OS SAQUES DO EDIFÍCIO (ALTA IDADE MÉDIA)

A quinta fase de ocupação, que pode ser datada posteriormente aos séculos V/VII, corresponde ao abandono dos quarteirões situados a nascente e poente do cardo máximo, estando assinalada por grandes saques das estruturas, com destaque para os grandes silhares de granito, correspondentes aos embasamentos dos pórticos que podem ter sido reutilizados na construção da primeira muralha medieval, de cronologia ainda imprecisa, mas certamente datável entre os séculos VIII/IX (RIBEIRO 2008; RIBEIRO & FONTES 2015: 29-45).

A análise do espólio correspondente aos enchimentos das valas de saque permitem-nos constatar que o abandono da área correspondente ao quarteirão romano deverá ter ocorrido posteriormente ao século VII. Para esta cronologia apontam os materiais que podem ser associados à destruição da fachada sul da casa, testemunhada pelos materiais do enchimento da sua vala de saque (UE0736), com uma cronologia do século V, representados por fragmentos, tanto de cerâmicas de importação (*sigillata* africana Clara D), como de fabrico local, como é o caso da cerâmica cinzenta tardia. Outros espaços testemunham claros indícios de saques de muros, como é o caso do muro referenciado pela UE1016, que limitava a fachada de uma das lojas do pórtico poente (área 8), onde se identificou uma vala de saque, cujo enchimento forneceu dois fragmentos de produção de *sigillata* africana Clara D e um fragmento de parede de cinzenta tardia. Também os muros que formalizavam os compartimentos associados à fachada sul foram saqueados (UEs 0774 e 0815), tendo os enchimentos associados fornecido materiais do século V, provenientes da UE0760, onde foi detetado um conjunto variado de cerâmicas de importação, das quais destacamos uma forma Hayes 59B, uma Drag. 37T e uma forma Palol 5, ambas datáveis do século V e da UE0723, onde foi encontrada uma peça de *sigillata* da forma Drag. 37T. Também os enchimentos que definem a inutilização dos muros referenciados pelas UEs 0637 e 0657 e o nível de abandono correspondente à UE0648 foram datados do século V, através de fragmentos de cerâmica cinzenta tardia. Foi igualmente possível identificar a inutilização de canalizações, através das respetivas valas de saque, de que constitui exemplo o enchimento correspondente à UE0878 de onde procede um fragmento de engobe vermelho tardio, que imita a forma Hayes 59B.

A área situada a poente do cardo máximo apresenta igualmente níveis de destruição que revelaram materiais de cronologia tardo antiga, que assinalam um *terminus post quem* para o abandono do setor. Destacamos o saque do silhar referenciado pela UE0545, em cujo enchimento (UE0547) foram encontrados fragmentos de cerâmica cinzenta tardia e *sigillata* Clara D.

Alguns raros muros construídos nesta fase, cuja funcionalidade é desconhecida, forneceram materiais nas suas valas de fundação que sugerem uma cronologia posterior à Antiguidade Tardia, como é o caso do muro referenciado pela UE0918, cuja vala de fundação (UE0974) forneceu cerâmicas datáveis entre o século V e os inícios do século VI (*sigillata* africana Clara D2 e *sigillata* hispânica tardia).

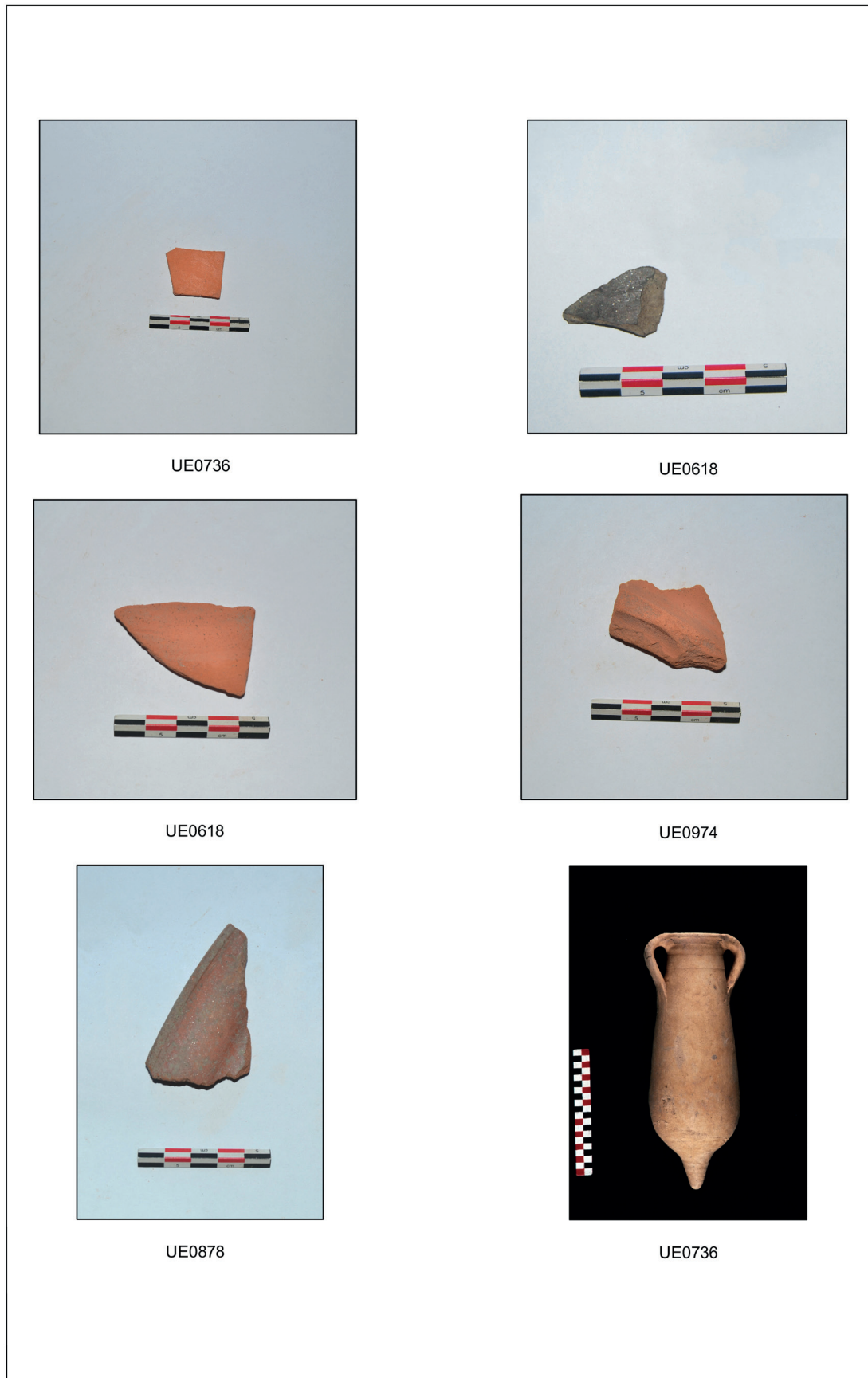


Figura 11. Material cerâmico da Fase V.

FASE VI. A RUA VERDE E A FORMALIZAÇÃO DO LOGRADOURO DA CASA GRANDE DE SANTO ANTÓNIO DAS TRAVESSAS (SÉCULOS XIV/XV)

A sexta fase de ocupação caracterizada nesta zona arqueológica pode ser atribuída ao período medieval, concretamente aos séculos XIV/XV, associando-se à construção de novas estruturas que se sobrepõem a nivelamentos da fase anterior, verificando-se igualmente a continuidade de grandes saques. Além disso, verifica-se a persistência do eixo viário romano, que continua em utilização, embora com uma largura inferior, passando a constituir a medieval rua Verde, documentada nas fontes escritas e cujo pavimento lajeado se encontra definido pela UE0566. Atribuímos ainda a esta fase a construção do muro limítrofe do logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas, que já se encontra referida no 1º Tombo do Cabido, com fachada para a rua da Triparia, hoje rua de Santo António das Travessas, desde 1369 (RIBEIRO 2008), edifício que funcionou como Sinagoga, durante cerca de 30 anos, entre 1466/67 e 1496. O logradouro foi formalizado com a construção do muro limítrofe, anexo à rua Verde, que se encontra representado no Mapa de Braga, de Georg Braun, datado de 1597.

Várias valas de saque das estruturas romanas fornecem materiais datáveis entre os séculos XII/XIV. Para essa cronologia apontam o enchimento da vala de saque do muro identificado com a UE0591, bem como o da vala de saque da cloaca (UE0563), em cujo enchimento (UE0994) se referenciaram materiais com essa cronologia. Com base na conjugação dos conhecimentos disponíveis para outras zonas arqueológicas da cidade, como por exemplo, o quarteirão da Afonso Henriques nº42-56 (MARTINS *et al.* 2014: 111-127; MARTÍNEZ PEÑÍN *et al.* 2014: 495-506), e considerando a localização deste sítio em relação ao novo núcleo urbano medieval, pensamos que estes saques possam estar relacionados com a necessidade de pedra para a construção da muralha fernandina (MARTINS & RIBEIRO 2013: 11-44; MARTINS *et al.* 2014: 111-127), que seguia, neste setor da cidade, o traçado da anterior cerca da Alta Idade Média, datada entre os séculos VIII/IX. Outros saques poderão justificar-se pela necessidade de pedra para construir o grande muro que definiu o logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas, o qual poderá igualmente ter utilizado materiais pétreos da época romana.

A transformação desta área da cidade em logradouro conferiu-lhe uma vocação eminentemente agrícola, que persistirá até ao século XX, razão que explica a escassa atividade construtiva documentada nas escavações. Importa, contudo, destacar que os materiais cerâmicos do período medieval estão presentes em diversos enchimentos das valas de saque dos muros anteriores, com destaque para um conjunto de formas, entre as quais se incluem os potes com e sem asa, jarras, pratos, baldes, jarros, candis e tampas, com paralelo no relatório identificado em Braga, na rua Nossa Senhora do Leite (GASPAR 1985: 67).

FASE VII. ÉPOCA MODERNA

A partir do século XIV as evidências arqueológicas disponibilizadas pelas escavações associam-se à utilização do espaço como logradouro, delimitado por um muro que corria paralelo à rua Verde, registando-se a formação de níveis sedimentares com elevada

potência, que regularizaram o terreno, como é o caso da UE0975. O espólio presente neste enchimento caracteriza-se pela predominância de cerâmica comum de cronologia moderna, na sua maioria correspondente a bilhas, potes, jarras e pratos.

O registo arqueológico documenta que a calçada medieval (UE0566) foi sendo sucessivamente reparada (UE0801), tendo-se mantido em uso até à abertura da rua Frei Caetano Brandão, já no século XIX, facto comprovado pelos materiais associados, designadamente por cerâmica vidrada moderna e contemporânea.

Na área do logradouro persistiram os saques de pedra, a par de uma reduzida atividade construtiva, representada por algumas raras estruturas, entre as quais se inclui um forno, correspondente à UE0842. A estrutura, muito destruída, encontrava-se implantada sobre o enchimento de uma fossa detritica (UE0858), da qual procede uma grande quantidade de cerâmica comum moderna. Trata-se de uma estrutura de combustão, que conservou apenas a sua base, sendo impossível perceber como se organizava a cobertura e o seu alçado. Do ponto de vista da sua funcionalidade julgamos ser pouco provável a sua função como forno de cerâmica, uma vez que não se identificaram quaisquer vestígios relacionados com o desenvolvimento dessa atividade.

Esta fase assinala a presença de produções de cerâmica comum moderna, bem como de peças vidradas e faianças, identificadas nas UEs 0515, 0568 e 0586.

FASE VIII. ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

A regularização do terreno, iniciada na época moderna, prosseguiu até à época contemporânea, registando-se uma considerável subida de cota entre os níveis de ocupação romanos e o solo do logradouro no momento em que foi escavado, algo que resultou de significativos aterros que integraram abundantes materiais datáveis entre o período moderno e contemporâneo. Por sua vez, tendo em conta as fontes iconográficas e cartográficas de Braga, bem como os resultados das escavações, pode afirmar-se que o logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas se terá mantido sem alterações funcionais entre o século XIV e o século XIX, quando a antiga rua do Couto do Arvoredo, que fossilizou a medieval rua Verde, por sua vez sucessora do tramo norte do cardo máximo da cidade romana, deixou de ser utilizada e foi substituída pela rua Frei Caetano Brandão, rasgada mais a poente, o que implicou a construção de um novo muro de suporte das terras do logradouro, que se manteve até 1997, o qual sabemos ter sido arredondado nos inícios do século XX (UE0505) (LEMOS & LEITE 2000: 20). No decorrer da intervenção arqueológica e aquando do desmonte do referido muro, que se estendia ao longo da rua Frei Caetano Brandão, no lado poente, e da rua de São Paulo, no lado sul, foi possível detetar elementos arquitetónicos da época romana e silhares da muralha fernandina, que passava nas proximidades e que foi igualmente desmontada na mesma época (Figura 12).

A anterior rua do Couto do Arvoredo, sucessora da medieval rua Verde, bem como as estruturas associadas da época moderna, entraram em processo sedimentar ao serem cobertas por uma espessa camada de terra, que regularizou o terreno do logradouro e o

ampliou para oeste, tendo este continuado a ter uma vocação iminentemente agrícola. Estas modificações, que destruíram a última evidência do urbanismo romano, representado pelo eixo viário correspondente ao cardo máximo, cujo traçado persistiu nas épocas medieval e moderna, tiveram lugar num contexto da grande renovação urbanística de Braga, que caracterizou os finais do século XIX (MARTINS & RIBEIRO 2013: 11-44).

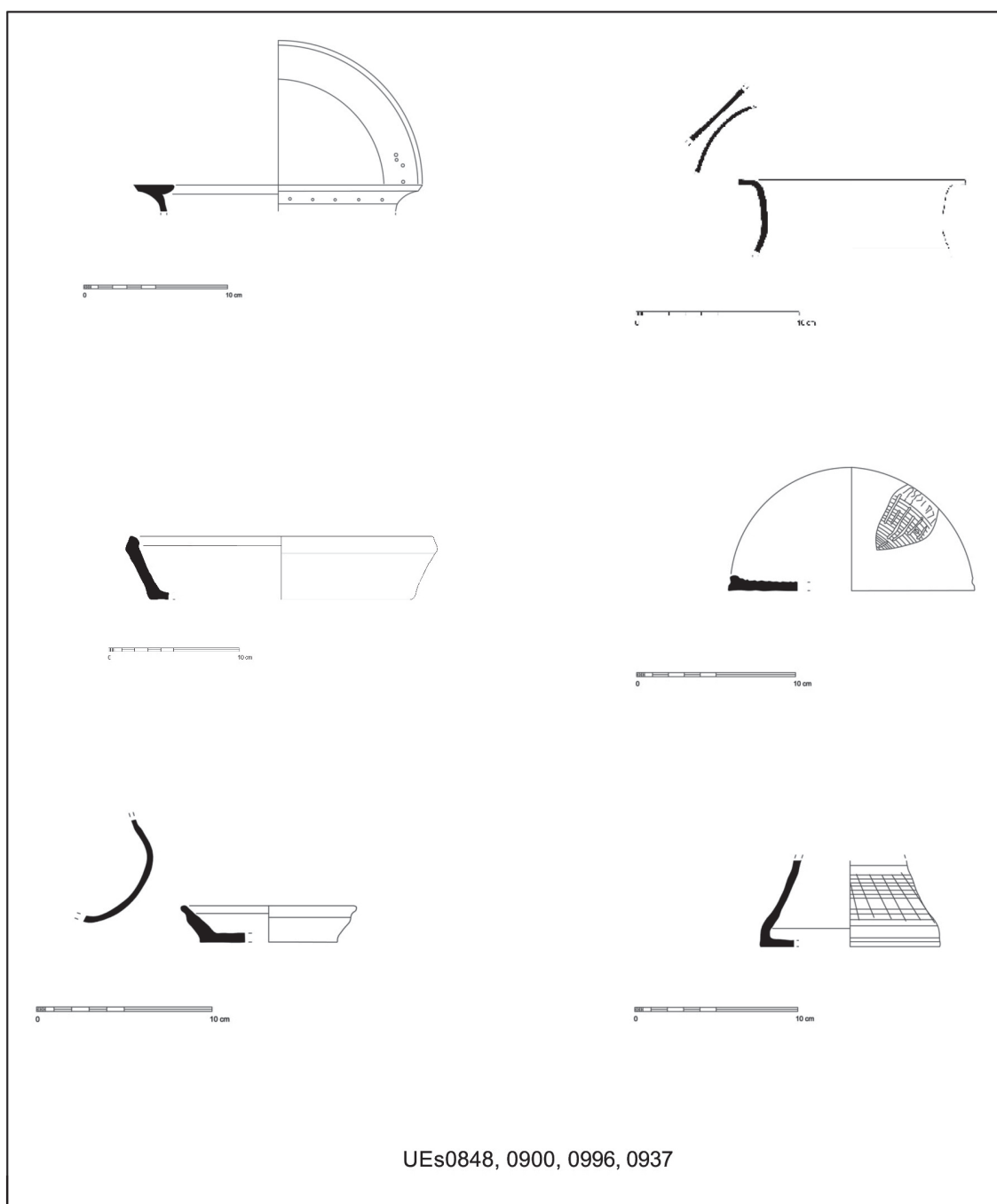


Figura 12. Peças cerâmicas das Fases VII e VIII.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos realizados na zona arqueológica em análise permitiram identificar um amplo conjunto de estruturas que correspondem a diferentes momentos de ocupação deste setor da cidade, que podem ser balizados entre finais do século I a.C. e o século XX. Na verdade, estamos em face de uma área que foi intensamente ocupada ao longo da época romana e no período tardo antigo, tendo-se transformado numa zona com características rurais na Alta Idade Média, após a construção da primeira cerca medieval, datável entre os séculos VIII/IX, a qual, correndo nas suas imediações, transformou este setor da nova cidade numa área periférica. Reporta-se a esse mesmo período a profunda alteração da estrutura dos quarteirões romanos, que deu lugar ao aparecimento de outros que formalizaram a morfologia do conhecido bairro medieval da Travessas, caracterizado por quarteirões retangulares, que se reconfiguraram a partir da fusão e reparcelamento dos anteriores quarteirões romanos (MARTINS & RIBEIRO 2013: 11-44). Este processo encontra-se igualmente associado ao aparecimento de um tipo de urbanização tipicamente medieval, onde as casas ocupavam as áreas contíguas às ruas, associando pequenos quintais na parte traseira, dinâmica que se consolida ao longo da Baixa Idade Média.

A prática ausência de estruturas medievais e modernas na zona intervencionada parece dever-se à circunstância da mesma se ter sido transformada no logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas, tendo assim permanecido até ao momento da sua escavação, que se iniciou nos anos 80 do século XX. No Mapa de Braga, de George Braun, de 1597, pode claramente perceber-se que o referido logradouro era então ocupado como horta e pomar, utilização que certamente manteve desde a Baixa Idade Média, quando foi formalizado pela construção do grande muro de suporte que acompanhava a rua Verde e que se manteve em funcionamento até ao século XIX. A intervenção arqueológica permitiu documentar que o referido logradouro foi ampliado para poente quando, em 1880, foi aberta a rua Frei Caetano Brandão, que implicou a construção de um novo muro de sustentação de terras ao longo daquele eixo viário.

A interpretação conjunta das estruturas, da estratigrafia e dos materiais permitiu definir uma longa sequência de ocupação nesta zona arqueológica, com destaque para a ocupação romana (Fases I a III) e tardo antiga (Fase IV), para os episódios associados ao seu abandono e utilização associada à rua Verde, na Alta Idade Média (Fase V), à sua conversão em logradouro da Casa Grande, com fachada para a rua da Triparia, hoje rua Santo António das Travessas, no século XIV (Fase VI) e para a sucessiva utilização hortícola ao longo da Idade Moderna (Fase VII) e Contemporânea (Fase VIII).

O posicionamento desta zona arqueológica relativamente à malha urbana da cidade romana (MARTINS *et al.* 2012: 29-68) permite situá-la a nordeste do *forum*, tendo sido possível, graças às escavações, precisar melhor a localização daquele espaço, uma vez que elas permitiram identificar o tramo norte do *cardo máximo*, uma das principais vias que saíam da praça de representação da cidade romana.

O contributo das escavações realizadas nesta zona arqueológica foi de um enorme alcance para a compreensão do urbanismo romano, tendo permitido comprovar o módulo

de 156 pés dos quarteirões romanos, já identificado na zona arqueológica das Carvalheiras (MARTINS 1997/98: 23-46) e caracterizar os processos de evolução dos pórticos que ladeavam as casas e se dispunham ao longo das ruas (MARTINS *et al.* no prelo). Apesar da sua fragilidade, os vestígios identificados permitiram reconhecer a tipologia quadrada do quarteirão, ocupado por uma *domus*, rodeada de pórticos a norte e poente que permitiam o acesso às lojas que se dispunham na parte baixa da casa. Também a descoberta da cloaca máxima, que corria sob o cardo principal, constituiu uma grande descoberta que permitiu compreender o sistema de drenagem das águas sujas da cidade romana.

De um ponto de vista arquitetónico cabe salientar os aspetos construtivos facultados pela escavação, que permitiu identificar a parte poente de uma *domus* de peristilo, a qual, apesar do seu débil estado de preservação, facultou dados muito relevantes sobre a formalização dos diferentes espaços deste tipo de habitações de elite. São igualmente de indiscutível interesse os dados propiciados pela ocupação tardo antiga, que demonstram o processo de desarticulação das *domus* entre os séculos V-VII (MARTINS *et al.* 2016: 33-51) e a formalização de uma nova tipologia de espaços habitacionais.

Julgamos igualmente poder destacar o contributo fornecido pelos materiais exumados na escavação correspondendo a diferentes épocas.

O estudo da totalidade dos vestígios cerâmicos exumados nas diferentes intervenções realizadas permitiu datar com precisão cada uma das fases de ocupação identificadas. No que concerne ao primeiro horizonte de ocupação destaca-se a presença de uma série de materiais importados, tanto itálicos, como gálicos, facto que permite datá-lo da primeira metade do século I. Associados a uma segunda fase identificaram-se, para além de abundantes vestígios de ânforas, datáveis da segunda metade do século I, vários recipientes de TSH do último quartel do século I, bem como uma série de peças de produção local, denominadas como “cinzenta fina polida”, datáveis da segunda metade do século I. Por outro lado, os materiais cerâmicos associados à importante remodelação da *domus* entre finais do século III e meados do IV correspondem, fundamentalmente, a exemplares de cerâmica comum romana (potes, jarros) de cronologia baixo imperial, assim como a uma série de contentores anfóricos procedentes da Bética, entre os quais se destaca a forma Beltrán 72B. A presença de fragmentos de TSA, tipo Clara D e de TSHT, em associação com materiais de produção local de ‘engobe vermelho’ e ‘cinzenta tardia’, revela que a área da *domus* foi ainda ocupada entre os séculos V-VI. Seguidamente, documenta-se uma série de enchimentos de valas de saque de boa parte dos muros do edifício, dos quais procedem materiais cerâmicos variados (potes, jarros, pratos, peças discoides) e que podem ser datados do período baixo medieval. Já as unidades estratigráficas associadas à utilização do logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas fornecem um importante volume de recipientes de cerâmica comum (potes, bilhas, jarras, pratos), datável entre os séculos XVI e XVIII. Por último há que destacar um número considerável de cerâmicas comuns e vidradas, de produção regional, datadas dos séculos XIX-XX, assim como a presença de faianças do mesmo período, documentando a utilização do espaço do logradouro até um momento avançado do século XX.

BIBLIOGRAFIA

- GASPAR, A. 1985. “Escavações Arqueológicas na Rua de N^a. S^a. do Leite, em Braga”, *Cadernos de Arqueologia*, 2, pp. 51-125.
- LEITE, J. M. LEMOS, F. S. & CUNHA, A. 2013. “Intervenções arqueológicas realizadas nos edifícios n.º 183/185 da rua Frei Cateano Brandão em 1998-01 n.º 20/26 da rua Santo António das Travessas em 2001-02”, *Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M./MEMÓRIAS*, n.º 31. <http://hdl.handle.net/1822/22862>
- LEMOS, F. S. & LEITE, J. F. 2010. “Trabalhos Arqueológicos no Logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas (ex-Albergue Distrital)”, *Fórum*, 27, pp. 15-38.
- MAGALHÃES, F. 2010. *Arquitectura doméstica em Bracara Augusta*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga. <http://hdl.handle.net/1822/13619>
- MAGALHÃES, F. MARTINS, M. SILVA, J. & TORRES, A. no prelo. “A evolução da arquitetura privada em Bracara Augusta. As domus das Antigas Cavalariças de Braga e do Ex Albergue Distrital”, *Estudios Humanísticos. Historia*.
- MARTÍNEZ PEÑÍN, R. 2015. “Late antiquity and early medieval ceramic wares in Braga”. En R. Martínez Peñín (ed.). *Braga and its surrounding territory from the 5TH-15TH centuries*. Lleida, pp. 47-68.
- MARTÍNEZ PEÑÍN, R. CUNHA, A. MAGALHÃES, F. & MARTINS, M. 2014. “La secuencia tardoantigua y medieval de la zona arqueológica de Afonso Henriques 36/40 y 42/56: una contribución al estudio de la cerámica medieval de Braga”. En R. Morais, A. Fernández & M. J. Sousa (eds.), *Actas do II Congresso Internacional da SECAH, Ex Officina Hispana As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. Porto, pp. 495-506. <http://hdl.handle.net/1822/36552>
- MARTÍNEZ PEÑÍN, R. MARTINS, M. & FONTES, L. no prelo. “The city of Braga and its territory through its material culture (5TH-15TH centuries)”. En *The Medieval Territory*.
- MARTÍNEZ PEÑÍN, R. & MARTINS, M. 2016. “Characterization of Late Antique and Early Medieval pottery production of the city of Braga and its territory”, *AGIRA*, 8, pp. 53-67.
- MARTÍNEZ PEÑÍN, R. MARTINS, M. & MAGALHÃES, F. 2014. “Contribución de las producciones de cerámica tardoantiguas para el estudio de la ciudad de Braga”, *Oppidum*, n.º 7, pp. 35-57.
- MARTINS, M. 1988. “Moldes de síntulas com decoração geométrica”, *Cadernos de Arqueologia*, 5, pp. 23-33.
- MARTINS, M. 1997/98. “A zona arqueológica das Carvalheiras. Balanço das escavações e interpretação do conjunto”, *Cadernos de Arqueologia*, 14-15, pp. 23-46.
- MARTINS, M. & DELGADO, M. 1989/90. “História e Arqueologia de uma cidade em devir: *Bracara Augusta*”, *Cadernos de Arqueologia*, 6/7, pp. 11-39. <http://hdl.handle.net/1822/10268>
- MARTINS, M. & RIBEIRO, M. C. 2013. “Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração”. En M. C. Ribeiro & A. Melo (eds.). *II Colóquio Internacional Evolução da Paisagem Urbana. Transformação morfológica dos espaços urbanos*. Braga, pp. 11-44. <http://hdl.handle.net/1822/23983>
- MARTINS, M. DELGADO, M. & ALARCÃO, J. 1994. “Urbanismo e Arquitectura de *Bracara Augusta*: Balanço dos resultados”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXXIV, 1-2, pp. 303-319.
- MARTINS, M. RIBEIRO, J. MAGALHÃES, F. E. & BRAGA, C. 2012. “Urbanismo e arquitetura de *Bracara Augusta*. Sociedade, economia e lazer”. En M. C. Ribeiro & A. Melo (eds.). *Evolução da Paisagem urbana. Sociedade e Economia*. Braga, pp. 29-68. <http://hdl.handle.net/1822/19522>
- MARTINS, M. CUNHA, A. MAGALHÃES, F. RIBEIRO, J. & BRAGA, C. 2014. “Metamorfoses de um espaço urbano. A sequência de ocupação da Zona Arqueológica da R. Afonso Henriques n.ºs 42 a 56, em Braga”, *Oppidum*, n.º 7, pp. 111-127. <http://hdl.handle.net/1822/36553>
- MARTINS, M. MAGALHÃES, F. MARTÍNEZ PEÑÍN, R. & RIBEIRO, J. 2016. “The housing evolution of Braga between Late Antiquity and the Early Middle Ages”, *AGIRA*, 8, pp. 33-51. <http://hdl.handle.net/1822/41476>

- MARTINS, M. RIBEIRO, M. C. RIBEIRO, J. & MAR, R. no prelo. “Topografia e urbanismo fundacional de *Bracara Augusta*”. En *Philtáte, IN ROMA NATA, PER ITALIAM FUSA, IN PROVINCIAS MANAT. La ciudad romana en el noroeste: nuevas perspectivas*. Lugo, pp. 181-203.
- MARTINS, M. RIBEIRO, J. MAGALHÃES, F. BRAGA, C. & RIBEIRO, R. no prelo. “O espaço construído de *Bracara Augusta* no Alto Império”. En *Philtáte, IN ROMA NATA, PER ITALIAM FUSA, IN PROVINCIAS MANAT. La ciudad romana en el noroeste: nuevas perspectivas*. Lugo, pp. 229-252.
- MATEOS CRUZ, P. & ALBA CALZADO, M. 2001. “De *Emerita Augusta* a Marida”. En L. Caballero & P. Mateos (eds.). *Actas del Simposio Internacional Visigodos y Omeyas: Un debate entre la tar-doantigüedad y la Alta Edad Media*. Madrid, pp. 143-168.
- MORAIS, R. 2005. *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*, Universidade do Minho, Braga.
- RIBEIRO, J. 2010. *Arquitetura romana em Bracara Augusta: uma análise das técnicas edilícias*, Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, Braga. <http://hdl.handle.net/1822/12232>
- RIBEIRO, J. FÉRNANDEZ, A. CUNHA, A. MAGALHÃES, F. MARTINS, M. & BRAGA, C. 2014. “A cerâmica romana da rua D. Afonso Henriques. Sequenciação cronológica e ocupacional do edifício”. En R. Morais, A. Fernández & M. J. Sousa (eds.). *Actas do II Congresso Internacional da SECAH, Ex Officina Hispana As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. Porto, pp. 483-506. <http://hdl.handle.net/1822/36535>
- RIBEIRO, M. C. 2008. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma A metodologia de análise para a leitura da evolução do espaço urbano*, Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, Braga. <http://hdl.handle.net/1822/8113>
- RIBEIRO, M. C. & FONTES, L. 2015. “The urban morphology of Braga between Late Antiquity and the fourteen-fifteen century”. En R. Martínez Peñín (ed.). *Braga and its territory between the fifth century and the fifteen centuries*. Lleida, pp. 29-45.
- SILVA, J. 2014. *A domus da Zona arqueológica das Antigas Cavalariças de Braga. Contributo para o estudo da arquitetura doméstica de Bracara Augusta*, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga. <http://hdl.handle.net/1822/28943>
- TEIXEIRA, H. 2012. *Sistemas de abastecimento e drenagem de água a Bracara Augusta: aquedutos, canalizações e cloacas*, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga. <http://hdl.handle.net/1822/23261>
- TORRES, A. C. 2014. *Sequência de ocupação da Zona Arqueológica do Ex. Albergue Distrital. Contributo para a análise evolutiva e funcional de uma unidade doméstica em Bracara Augusta*, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga. <http://hdl.handle.net/1822/33817>